



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS

Centro de Letras e Comunicação

Curso de Bacharelado em Letras – Redação e Revisão de Textos

**Revisão Textual na Literatura Contemporânea: um estudo de caso a
partir da obra de Paulo Sergio Moraes**

Mario Augusto Lana Novais

Pelotas, 2022

Mario Augusto Lana Novais

Revisão Textual na Literatura Contemporânea: um estudo de caso a partir
da obra de Paulo Sergio Moraes

Trabalho acadêmico apresentado ao
Curso de Bacharelado em Letras -
Redação e Revisão de Textos, da
Universidade Federal de Pelotas, como
requisito parcial à obtenção do título de
Bacharel em Redação e Revisão de
Textos.

Orientador: Prof. Dr. João Luis Ourique Pereira

Pelotas, 2022

Mario Augusto Lana Novais

Revisão Textual na Literatura Contemporânea: um estudo de caso a partir
da obra de Paulo Sergio Moraes

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel Letras – Redação e Revisão de Textos pelo Centro de Letras e Comunicação, Universidade Federal de Pelotas.

Data da defesa: 01/07/2022 às 16 horas.

Link para a gravação da Defesa: <https://bbbadm-balancer.ufpel.edu.br/playback/presentation/2.3/c13041aebcc9c1400d0e6adc6fd231ae5ad5a141-1656699551577>

Banca examinadora:

Prof. Dr. João Luis Ourique Pereira (Orientador) – Doutor em Letras/Estudos Literários pela Universidade Federal de Santa Maria.

Prof. Dra. Aline Neuschrack - Doutora em Letras pela Universidade Católica de Pelotas.

Prof. Me. Carlos Alberto Ossanes - Mestre em Estudos da Literatura pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Revisão:

Pedro Olavo Satte Alam Muraro

Resumo

NOVAIS, Mario Augusto Lana. **Revisão Textual na Literatura Contemporânea**: um estudo de caso a partir da obra de Paulo Sergio Moraes. Artigo Científico. (Bacharelado em Letras – Redação e Revisão de Textos) – Centro de Letras e comunicação Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, 2022.

O presente trabalho visa uma reflexão acerca da atuação do revisor de textos na literatura contemporânea. Para tanto, foi realizado um estudo de caso da obra do autor Paulo Sergio Moraes, considerando o seu projeto de revisão para a republicação de seus livros. Para compreender o papel do revisor nesse processo, portanto, realizou-se uma pesquisa bibliográfica, buscando contextualizar as competências que são levantadas para o bom exercício do revisor que se debruça sobre literaturas criativas. Num segundo momento, foi necessário contextualizar a obra do autor, que volta a sua literatura à comunidade LGBTQIA+. Observou-se, nesse processo, que o autor se baseia num projeto de marketing difundido principalmente através das redes sociais, construindo através delas uma identificação com o seu público leitor. O terceiro capítulo, compreende, por fim, a análise comparada entre as duas edições da obra *Olho Grego* (2015), a partir do qual se apresentam algumas considerações sobre as mudanças operadas no romance para a sua republicação. Conclui-se, nessa pesquisa, que a partir do uso massivo da internet, a autoria e a revisão na contemporaneidade são obrigadas a replicar, cada vez mais, padrões de mercado neoliberais nos quais os indivíduos se tornam também produto na obra literária.

Palavras Chave: Literatura contemporânea. Autoria e identidade. Revisão textual.

Abstract

NOVAIS, Mario Augusto Lana. **Proofreader in Contemporary Literature: A case study based on the work of Paulo Sergio Moraes.** Scientific Article. (Bachelor of Letters – Writing and Proofreading). Federal University of Pelotas. Pelotas, 2022.

The present work aims at a reflection about the role of the proofreader in contemporary literature. Therefore, we carried out a case study about the work of the author Paulo Sergio Moraes, considering his revision project for the republication of his books. In order to understand the role of the proofreader in this process, we carried out a bibliographic research, seeking to contextualize the skills that are indicated for the good exercise of the proofreader who focuses on creative literature. In a second moment, we contextualize the author's work, who turns his literature to the LGBTQIA+ community. We observe, in this process, that the author has based his marketing project mainly through social networks, building through them an identification with the reader. Finally, the third chapter comprises the comparative analysis between the two editions of the work *Olho Grego* (2105), from which we make some considerations about the changes made in the novel for its republication. We conclude, in this research, that from the massive use of the internet, authorship and revision – in these contemporary times – are forced to replicate, increasingly, neoliberal market patterns in which individuals also become a product in the literary work.

Keywords: Contemporary Literature. Authorship and identity. Proofread

Sumário

- 1. Introdução. 6**
 - 2. Leitura, Cultura e prática: Técnicas e Conhecimentos construídos para a Revisão Textual. 7**
 - 3. Paulo Sergio Moraes e a (re)construção da obra: reconfigurações da identidade autoral no contemporâneo. 14**
 - 4. A revisão de textos na literatura de Paulo Sergio Moraes e o papel do revisor na teia dos sistemas. 16**
 - 5. Considerações Finais. 22**
- Referências Bibliográficas. 23**

1. Introdução

Ao tomarmos conhecimento sobre o engajamento de Paulo Sergio Moraes em um projeto de revisão do seu trabalho enquanto escritor, visando republicar algumas de suas obras, voltamo-nos para a observação desse processo. Essa pesquisa foi estruturada, em vista disso, como um estudo de caso sobre o papel da revisão de textos no nosso mercado editorial, priorizando uma perspectiva lançada sobre a atuação dos profissionais que se debruçam a revisar tipologias textuais criativas não vinculadas a editoras de renome.

Um ponto motivador para isso foi o fato de que seus livros, *Condicional* (2013) e *Olho Grego* (2015), após passarem pelo processo de revisão e reedição, foram publicados simultaneamente no ano de 2020. Além disso, essas obras alcançaram um novo patamar de visibilidade e inclusão quando observamos que, para a segunda edição, ganharam também tradução em língua Inglesa e conversão para o formato de audiolivro. Na sequência, ainda no primeiro semestre de 2021, o autor lançou também o livro *A História de Amir* tendo, portanto, inserido 3 de suas obras no mercado literário em menos de um ano.

Outra razão pertinente de ser levantada foi o fato de que todas as obras recentemente publicadas por Paulo Sergio Moraes foram revisadas pela mesma pessoa, Karine Ribeiro, uma profissional que está criando seu nome no mercado literário. Além de atuar na área da tradução e revisão de textos, ela também é autora de ficção. O volume de trabalho que desempenhou, enquanto revisora e tradutora, nos evocou indagações sobre o como se deu a relação revisor/autor.

A partir dessas observações, a primeira etapa a ser executada foi uma pesquisa bibliográfica dos materiais que versam sobre a atuação do Revisor de Textos no mercado editorial. Nesse estágio consideramos dar prioridade aos autores que abordaram em seus trabalhos questões como: formação leitora, características/atribuições dos revisores de texto e, enfim, especificidades para a atuação com escrita criativa. Essa pesquisa foi importante para estruturarmos as entrevistas, considerando em cada uma delas questões mais específicas –

uma voltada a Karine Ribeiro, enquanto revisora e, a outra, elaborada para Paulo Sergio Moraes¹.

Logo, todas as etapas supracitadas convergem para procurarmos compreender algumas das questões que formulamos no princípio da pesquisa – Como foi o andamento da relação Autor/revisor estabelecida entre P.S. Moraes e K. Ribeiro? O que pode ser dito sobre os lugares que um revisor de textos ocupa atualmente? Como uma aproximação ao universo de um autor auxilia revisores no desempenho do seu trabalho?

Organizamos, portanto, esse artigo em três sessões: Na Primeira parte abordaremos os conhecimentos apreendidos a partir da pesquisa bibliográfica, discutindo sobre pontos pertinentes ao ofício de revisores; em um segundo momento faremos a apresentação da obra de Paulo Sergio Moraes, contextualizando o caso motivador desse estudo e, ainda, discorrendo um pouco sobre a identidade autoral, assim como do profissional de revisão, e a sua configuração no mercado editorial em face das mudanças observadas com a utilização massiva do *Cyberespaço*; Por fim, realizaremos uma análise comparada entre *Olho Grego* (2015) e *Olhos Distantes* (2020), apresentado um pouco da nova estrutura da obra e, além disso, lançando reflexões sobre a importância da revisão de textos no remodelar da obra para a sua republicação.

2. Leitura, Autoria e Memória: Técnicas e Conhecimentos construídos para a Revisão Textual.

Falar sobre a área da Redação e Revisão de Textos é, em muitos casos, ter de confrontar a construção desse conhecimento com perspectivas que geminam do senso comum: Revisar seria apenas o domínio proficiente dos conhecimentos gramaticais e textuais? Revisar demanda sim uma atenção

1 Ao longo do texto optamos por não mencionar de forma direta os recortes da entrevista. O motivo se deu a partir de uma escolha estilística – considerando o fato de que já teríamos recortes da obra para uma análise comparada entre as duas edições na quarta sessão do artigo, optamos por usar os resultados - coletados na entrevista com o autor - para a construção da reflexão exposta no terceiro capítulo. Esperamos que as entrevistas sejam divulgadas no Instagram @listasliterárias mediante aprovação dos participantes para a difusão desse material. Após isso, elas serão revisadas e editadas para que sejam disponibilizadas de uma maneira mais atrativa no perfil supracitado.

constante aos conhecimentos sobre gramática e domínios léxico-textuais, entretanto, conforme nos aponta Rosa e Gonçalves:

a revisão é feita para que o texto seja aperfeiçoado, não buscando somente os erros gramaticais, mas fazendo com que o texto possa ser lido pelo maior número de indivíduos possível e que esses consigam absorver o conteúdo ali exposto. (ROSA, GONÇALVES 2013, p.152)

É interessante ponderarmos sobre essa questão pois, a partir dela, adentramos nos domínios da leitura como ferramenta propriamente dita: ela é o cerne do trabalho na revisão de textos. Isso porque um Revisor não atua exclusivamente no campo da estrutura formal do texto, executando correções mecânicas e repetitivas sobre o mesmo. A partir de uma leitura crítica, um revisor de textos desenvolve continuamente uma competência na qual ele pode, nas palavras de Schaun, – que se debruça sobre os postulados de Coelho Neto – “atuar como *decisor linguístico* e se colocar ao mesmo tempo no lugar do público-alvo, sendo capaz de verificar não só a forma, mas também o conteúdo/sentido do que é escrito.” (SCHAUN, 2018 p.18)

Dito de outra forma, o sentido da atuação de um revisor é contrário ao de embelezar com floreios um texto. Ao assumir a posição de leitor, o trunfo do revisor está justamente na possibilidade de se tornar a primeira ponte estabelecida entre o autor de uma obra e o público a quem ele pretende atingir.

Apesar disso, esse movimento é também um grande desafio para um revisor, pois o mesmo tem em mãos duas responsabilidades: ponderar a construção sociocultural do público leitor para, a partir de então, estabelecer os critérios de sua atuação; aplicar as intervenções no texto de maneira a aperfeiçoa-lo, sem afetar no processo o conteúdo da forma e estilo do autor.

Essas compreensões podem ser obtidas por um revisor a partir de uma primeira leitura, na qual o mesmo tem a possibilidade de avaliar o viés da linguagem que um escritor pretende estabelecer para criar a comunicação autor/leitor. Nesse processo, um revisor deve perscrutar os efeitos de sentido pretendidos pelo autor pois, conforme Wolwacz et. al., “O sentido do texto é o resultado do processo de constante interação entre autor texto-leitor, em que o leitor usa seu conhecimento prévio do mundo, ou bagagem cultural, para elaborar e construir significados” (WOLWACZ, et. al., 2019, p. 11). Em síntese,

o que podemos compreender é que, a partir dessas noções, a primeira leitura de um revisor o permite perceber as noções gerais do texto, assim como as marcas autorais de um escritor. Compreensões importantes para que esse profissional estabeleça os limites de sua atuação.

Essa perspectiva vai de encontro com o pensamento de Schaun, que se ampara nos conhecimentos transmitidos por Ângela Kleiman para afirmar que “o texto não pode ser definido como um produto, mas como uma produção, tal como a leitura, que somente é construída à medida que o leitor interage com o texto, com base nas pistas deixadas pelo autor.” (SCHAUN, 2018, p. 29). Logo, embora o texto literário em si seja um fato sócio-histórico relativamente acabado – ao menos para o autor – o ato de ler exercido pelos leitores, em contrapartida, pode ser compreendido como um processo que não é um fato acabado, pois ele realiza a manutenção e perpetuação da obra literária através do tempo. Na medida em que a leitura é desenvolvida, há uma construção de sentidos e conhecimentos que estabelecem uma relação de continuidade, na qual novas sensações e perspectivas sobre o texto podem ser delineadas e postas em confronto (ENES, SANTOS e PENHA, 2015).

Logo, podemos perceber como essas noções abrangem também o lugar do revisor nesse processo. Ao ter conhecimento dessas informações, esse profissional pode ter a compreensão de si como alguém que está no entremeio desses processos, ocupando, assim, a posição de mediador da construção dos conhecimentos que transitam entre autores e leitores. Isso não necessariamente quer dizer que um revisor é dotado de poderes sobre a construção do conhecimento, mas que, ao ter ciência desse ciclo de troca de informações, estabelecidos nos sistemas literários (EVEN-ZOHAR, 2013), esses profissionais empenham um papel de responsabilidade na qualidade da construção de ideias comunicadas.

Ainda, Wolwacz et. al. apontam o fato de que “a compreensão de um texto revela a nossa experiência social, os assuntos de que ora nos aproximamos, ora nos distanciamos e que contribuem para a nossa formação leitora” (WOLWACZ, et. Al., 2019, p. 11). Logo, ao considerarmos que os fundamentos da nossa formação leitora se ancoram na nossa experiência social – que se circunscreve nos eixos culturais a que somos pertencentes – chegamos à conclusão de que

a proficiência de um revisor de textos perpassa pelos mais diversos conhecimentos de mundo, não apenas costurando-os no exercício de seu trabalho, mas, principalmente, se valendo deles para a construção da sua especialização no mercado.

Em outras palavras, para um revisor: Leitura criativa; Informativa; Jurídica; Séries; Filmes, Música – em suma, qualquer produto cultural – é passível de se tornar objeto de observação, aprendizado e aplicação aos processos revisionais.

Além disso, acerca das estratégias de Leitura, Aline Schimid Schaun postula que:

a atividade de compreensão e o esforço do leitor são concomitantes no processo de leitura, e as estratégias que acontecem no decorrer dessa atividade servem não só para construir uma possível interpretação do texto como também para solucionar os problemas que surgem no transcorrer do processo. (SCHAUN, 2018, p. 41)

Essa é uma reflexão interessante – especialmente para um revisor – porque tendo compreensão disso é possível se aplicar a nível consciente essas estratégias de leitura, técnicas que podem ser desenvolvidas ao longo da carreira profissional. Um bom exemplo dessas estratégias é o *Scanning*, tática normalmente usada de forma instintiva, sem que tenhamos conhecimentos técnicos prévios sobre ela. Ao revisor, entretanto, conhecimentos profissionais sobre estratégias de leitura aferem a sua eficiência, podendo usa-las para aumentar a velocidade do trabalho. A autora nos lembra, contudo, que uma das características mais fundamentais ao revisor é atuar sobre o texto com atenção redobrada, postulado que se confirma a partir dos resultados de sua pesquisa.

Cumprir observar, também, que todo esse processo solicita do revisor de textos que seja um profissional comunicativo, tomando parte ativa na sua responsabilidade em manter um processo constante de troca de ideias e informações com o autor sobre o serviço. Essa qualidade de interlocução é colocada em discussão por Barbosa e Fanti (2018), quando consideram o papel de *(in)visibilidade* do revisor de textos. A partir de um estudo de caso, as autoras analisaram as interações estabelecidas entre uma revisora e uma autora durante o processo de revisão de uma tese de doutorado.

Elas se amparam nos postulados da *Análise Dialógica do Discurso*, para discorrer não necessariamente sobre o ato da revisão de textos, mas sim do processo de comunicação estabelecido entre a autora e a revisora.

esse trabalho reflete sobre a construção da tipologia textual acadêmica, entretanto, podemos perceber que essa estrutura de comunicação Revisor/Autor se aplica a qualquer texto a ser revisado. Retomando as noções de *dialogismo* e *alteridade* expressas por Bakhtin, Barbosa e Fanti conseguem nos apontar o como uma teia comunicacional pode se estabelecer entre essas duas figuras. Além disso elas apontam, através dos recortes de diálogos estabelecidos nas caixas de texto, a ideia de que o texto final se torna, de certa forma, um amalgama entre as vozes de um *eu e um outro – Autor e Revisor*. Conforme as autoras, portanto, “a palavra do *outro*, no caso da profissional de revisão, tem significativo papel na reescrita do texto, já que a maioria das alterações sugeridas também vão ser incorporadas à versão final do trabalho.” (BARBOSA; FANTI, 2018, p. 48)

O estudo delas nos mostra como é possível serem estabelecidas boas relações entre essas duas figuras, nos expondo que a comunicação de um revisor é um ponto diferencial no processo do seu trabalho. Em outras palavras, uma característica que ajuda esse profissional no tecer da sua carreira.

Entretanto, um revisor de textos tem de medir também as suas interferências, tomando o cuidado ético de não exceder os seus limites, considerando o fato de que, conforme Momente e Dresch:

Quando os revisores se colocam nessa posição ilusória de detentores do poder, ferindo os já mencionados princípios subjetivos da construção textual, podem ocorrer sérios conflitos com os autores, fazendo com que estes tenham cada vez mais resistência em ter seus trabalhos revisados. (MOMENTE; DRESCH, 2019, p. 519)

Além disso, uma observação interessante que fazem é o fato de que esses conflitos são mais comuns de serem observados nas tipologias textuais criativas. Embora essa seja uma perspectiva não muito explorada no artigo de Momente e Dresch – devido às próprias restrições colocadas através dos objetivos dos autores – podemos inferir que esses atritos são observados em

menor escala nos em outros gêneros, como o artigo científico por exemplo, devido à própria natureza objetiva do texto.

Pensando ainda nessa questão das relações estabelecidas entre autores e revisores, na literatura criativa, esses pesquisadores discorrem sobre as contribuições dos conhecimentos sobre Gênero Discursivo, Autoria, assim como a perspectiva da Estilística ao exercício da leitura crítica nessas tipologias. Ao pontuarem que “os conhecimentos sobre autoria e gênero discursivo podem funcionar como delimitadores da interferência excessiva dos revisores” (MOMENTE, DRESCH, 2019, p. 519), os autores nos deixam bem exposta a questão do como a informação é também instrumentalizada por um revisor de textos.

Afirmam, ainda, “que textos literários são carregados de subjetividade... e que são construídos a partir de diversos recursos estilísticos, que são um dos muitos elementos que compõem a dimensão estética literária” (MOMENTE, DRESCH, 2019, p. 531, glifo próprio). Ou seja, os autores lançam mão dos “recursos estilísticos para a construção de diferentes efeitos” (Ibid., 2019, p. 532), o que nos chama a atenção para o fato de que a atuação do revisor na escrita criativa tem de ser pontual, interferindo o mínimo possível na dimensão estilística do autor.

RIJO (2019) também defende a importância do conhecimento sobre os conceitos de Estilo e Autoria para o exercício da revisão literária. A autora frisa em seu texto, por exemplo, a necessidade de que os revisores estejam “atentos às condições de produção, recepção e circulação do texto.” (RIJO, 2019, p.5). Logo, é preciso que o revisor compreenda de que local fala o autor desse texto, respeitando também as intenções desse para com a sua publicação e auxiliando-o a atingi-las. Conforme a autora: “A marca do autor estaria, então, naquilo que ele produz e na forma de organizar sua fala e escrita em determinado contexto social e no gênero discursivo” (RIJO, 2019, p. 6).

Essa é uma relação que complexifica-se, pois, corroborando com os postulados anteriores acerca das estratégias de leitura e, também, com a necessidade da competência comunicativa para a interlocução com o autor, concordamos com a afirmação da autora de que:

Cabe, então, ao revisor de textos partilhar da emoção e do prazer que a leitura do texto literário pode proporcionar aos leitores, porém deve distanciar-se do universo do “sentir” pessoal, para atentar-se, com profissionalismo, aos efeitos causados pelo texto. Isto quer dizer que não necessariamente a sensibilidade deva ser deixada de lado na prática da revisão textual, todavia deve ser usada de forma profissional (RIJO, 2019, p. 8)

Logo, a comunicação ativa do revisor com o autor, a elaboração de réplicas sobre o conteúdo lido e a emoção na leitura podem sim ser reforços positivos que se refletirão também no fazer autoral do escritor.

Por fim, uma das últimas questões que nos chamou a atenção na pesquisa bibliográfica foi o conceito de memória ser considerado como dispositivo técnico para a revisão. Como dito anteriormente, o conhecimento de mundo é uma bagagem extremamente importante para o revisor que se inclina a trabalhar na área da literatura. Rijo traz as noções de Perpétua e Guimarães (2017) sobre as práticas de leitura e memorização para discorrer sobre o tema. Conforme Rijo:

a memória atua na observação das escolhas feitas por um autor e configuram, como vimos, o estilo. Vão sobressair, no caso, aspectos da criação pessoal do autor, como seleção vocabular, aspectos sintáticos, aspectos semânticos, aspectos fônicos etc. O revisor arquiva em sua memória os recursos predominantes no texto de um determinado escritor. (RIJO, 2019, p. 10)

A autora reflete sobre as escolhas composicionais no estilo do autor, assim como a capacidade do revisor de observação e memorização desses traços estilísticos, que serão replicadas durante todo o texto. Compreendemos nesse movimento, portanto, que quanto mais próxima for a bagagem sociocultural do revisor à bagagem do autor, mais estreitas se tornam as fronteiras entre a construção do estilo autoral e as observações que o revisor pode depreender.

Logo, o diálogo estabelecido entre autor/revisor, durante todo o processo de revisão literária, se torna duplamente interessante: por um lado, temos o manifesto da ética na revisão de textos, na qual esse profissional, ao apontar e dialogar com o autor sobre suas observações, possibilita ao escritor a segurança e autonomia sobre o seu próprio texto. Essa é uma estrutura formal que permite ao autor delimitar quais são as interferências viáveis à estrutura do texto, discutindo durante a revisão alternativas sobre as intervenções que alterariam em demasia a sua composição estilística.

Por fim, o diálogo também pode ser benéfico à bagagem do revisor de textos. Ao se instigar a perscrutar o universo do autor, o profissional em revisão está diante de uma possibilidade de aprendizado. Podemos ver nessa ação mais uma ferramenta, talvez uma das mais importantes à revisão na literatura, pois suas conversas com um autor oportunizam ao revisor a aquisição de mais conhecimentos gerais. Como dito, é uma estrutura de saberes que permitirá ao revisor um entendimento muito mais lúcido sobre a composição estética e estilística. Aprendizados que podem ser levados por ele e, portanto, redimensionados e aplicados em trabalhos futuros.

3. Paulo Sergio Moraes e a (re)construção da obra: reconfigurações da identidade autoral no contemporâneo.

Nesse tópico pretendemos apresentar um pouco sobre o trabalho do autor Paulo Sergio Moraes, dando uma atenção mais específica a algumas características existentes na construção da sua identidade autoral.

Antes disso, entretanto, cumpre que o apresentemos. Nascido em Juiz de Fora, MG, em 1984, é um autor que vem pouco a pouco criando um espaço de destaque no panorama contemporâneo brasileiro. Mestre em comunicação, Paulo dedicou parte da sua pesquisa ao estudo dos impactos socioculturais da produção de audiolivros, o que demonstra nesse uma preocupação sobre as questões de inclusão na sua obra. Explora em sua obra o drama de personagens LGBTQIA+, bandeira do seu projeto literário. Além disso, o autor vincula essa questão levantada nos seus livros à construção de sua própria identidade, pontuando a ideia de que a literatura é também uma extensão de sua subjetividade. Para ele, a obra literária é um projeto de representatividade.

Essa é uma ideia interessante quando consideramos a *Teoria dos Polissistemas Literários*, proposta por Itamar Even-Zohar (2013), pois parte do projeto de marketing estabelecido por Paulo Sergio Moraes pressupõe a inclusão da identidade aos sistemas literários. Em outras palavras, a estratégia de Paulo é a perspectiva de que – na contemporaneidade – a imagem de um autor é algo que vende a obra, sobretudo quando consideramos a dimensão do *cyberespaço*,

lugar onde a identidade de um autor estabelece uma relação sistêmica com a identificação de uma comunidade leitora. Conforme Santa (2011):

Todo esse conjunto de interrelações está diretamente ligado às práticas de leitura e produção de literatura, evidenciadas pelos ambientes virtuais (ciberespaço), cujas fronteiras são opacificadas, ou seja, há uma aproximação entre leitores, autores e obras, em que se disponibiliza ferramentas de acesso, manipulação e disseminação dos textos. (SANTA, 2011. p. 169)

Portanto, quando consideramos essa ideia de uma venda do autor pela obra, no lugar da obra pelo autor, uma das coisas que podemos concluir é que na cena contemporânea a construção da identidade autoral também ganha um lugar de destaque nos *Sistemas Literários*. Essa cultura intensifica-se com a adesão cada vez mais massiva dos leitores ao meio da internet pois, a partir das redes sociais, cada vez mais a forma como as pessoas olham para obra e autoria se modifica. Para Costa “A Internet está formando uma nova geração de público leitor, um público que exige uma linguagem diferente da linguagem utilizada pela literatura tradicional.” (COSTA, 2007, p. 12).

Além disso, são esses leitores, nativos da internet, que realizam a manutenção dessa cultura na qual a identidade do autor é colocada acima da idealização de sua obra. Trata-se de um movimento formado a partir da própria difusão de informações no *Cyberespaço*.

Um fato que ilustra essa ideia, por exemplo, é a cultura do “cancelamento”. Acompanhamos isso em um caso envolvendo o nome de J. K. Rowling quando parte da comunidade leitora, ao associar as mais recentes falas dessa escritora na internet a uma conduta transfóbica, vincularam essa informação à identidade dela enquanto autora. A partir de então o que se seguiu foi um boicote, também aderido por apenas parte dos leitores, a qualquer produto cultural que envolvesse o nome de J.K. Rowling. Além disso, Costa também aponta que:

A Internet criou um ambiente completamente novo de produção textual para o qual é necessário instrumentalizar uma nova série de ferramentas de produção e publicação de textos para a produção literária. Não havia, e ainda está em formação, um repertório de modelos literários produtivos em ambiente virtual. (COSTA, 2007, p. 32)

Observando essa questão, podemos considerar que há uma dupla motivação para a revisão de textos na obra de Paulo Sergio Moraes: Em primeiro lugar, o objetivo da republicação; ao visitar uma obra visando reinseri-la no

mercado literário, o autor esteve diante de uma possibilidade de rever também a construção linguística usada na primeira versão dos livros. Conforme Costa (2007), uma outra mudança que a dimensão virtual vem operando na literatura Contemporânea são alterações na estrutura de linguagem das obras publicadas. Essa questão vai de encontro ao segundo objetivo; que seria a (re)atualização da sua identidade diante do público leitor, pois é no nível da linguagem que um autor cria a relação de identificação que pretende com os seus consumidores.

Olho Grego (2015), portanto, passou por esse processo – num trabalho em conjunto estabelecido por Paulo Sergio Moraes e a revisora, Karine Ribeiro – se reinserindo no mercado, sendo consumido e recebendo novas críticas do público. As mudanças vão desde o próprio título do livro, que passou a se chamar Olhos Distantes (2020), a questões de ordem estrutural e estilística. Essa é uma possibilidade interessante pois para uma obra literária, e no caso de Paulo Sergio Moraes o próprio autor – Um produtor que se torna também produto na obra –, estar nesse lugar de (re)atualização é extremamente positivo.

Estar sob o foco da crítica à obra, para um autor (produtor/produto), é uma das ferramentas de manutenção que ele se vale para reimprimir sua visibilidade nos sistemas literários. As resenhas, rodas de conversa e ciclos literários – em suma, qualquer evento que discorra sobre a cena da literatura – atualmente procuram inserir não apenas as obras, mas também escritores que recebem destaque no foco das discussões. Ao perceber que dar prioridade à estrutura da identidade autor/social também ajuda nesse processo de ganhar notoriedade, Paulo Sergio Moraes estabelece as estratégias de marketing de forma a fazer com que a sua própria imagem também seja consumida. Em curtas palavras, através de um projeto metonímico, busca fazer de si ícone para a própria obra.

4. A revisão de textos na literatura de Paulo Sergio Moraes e o papel do revisor na teia dos sistemas.

Para esse capítulo nos utilizaremos da obra Olho Grego (2015) realizando uma análise comparada entre essa primeira edição e a sua versão revisada, Olhos Distantes (2020). Com isso, delimitamos o corpus a apenas uma obra, que

é, também, o romance no qual podemos explorar mais detalhes numa leitura crítica. Olho Grego foi o livro do autor que durante o processo revisional sofreu mais modificações em sua estrutura, perdendo características em forma e estilo únicas, em contrapartida, ganhou destaque no seu amadurecimento.

Quando consideramos a revisão de uma obra literária é muito comum que pensemos que não há muito o que mudar, ou até mesmo acrescentar a uma segunda versão a ser publicada. Evidentemente, o revisor de textos opera um papel fundamental nesse processo, embora a revisão deva ser realizada em conjunto com o autor. Esse processo não deve sobrepujar a estrutura original da obra, do contrário o texto ficaria em risco de sofrer um apagamento das marcas de autoria que o compõe. Relembrando, o diálogo entre autor e revisor é essencial para que o produto final seja o aperfeiçoamento do texto.

Esse é um ponto que observamos na obra de Paulo Sergio Moraes ao realizarmos a comparação entre Olho Grego (2015) e Olhos distantes (2020). O novo título foi escolhido pelo próprio autor, sobretudo após considerar o feedback e as especulações sobre a narrativa recebidos do seu público leitor. Além disso, houve um novo trabalho com a diagramação e capa do livro – projeto elaborado também nas suas outras obras mencionadas anteriormente.

Esse é um dos primeiros tópicos interessantes para refletimos numa revisão de obras literárias, pois a republicação sempre levará em conta a recepção da primeira versão do livro. Amparadas nos postulados de Jauss sobre *a relação entre literatura e leitor*, Enes Santos e Penha (2015) afirmam que:

a história da literatura se estabelece na interação entre leitor e texto, e não em uma sequência de fatos históricos. O papel do leitor se evidencia no momento em que sua história de vida o auxilia na observação desta obra, na qual o próprio leitor se torna um coprodutor da obra já escrita pelo autor. Isso atualiza a obra literária, fazendo com que a historicidade literária aconteça. (ENES, SANTOS e PENHA, 2015, p. 6)

Pensando nesse sentido, podemos inferir que o autor, ao elaborar o projeto de segunda edição do seu romance, considerou com muita atenção essa relação que foi estabelecida entre os seus leitores e a obra Olho Grego. Paulo Sergio Moraes se manteve atento às (re)atualizações do público frente às nossas mudanças socioculturais, observando principalmente a reação da comunidade LGBTQIA+ na recepção de sua obra na cena literária contemporânea. Nesse

trabalho, o autor também interagiu com as manifestações que a comunidade leitora teve nas redes sociais, o *Cyberespaço*, monitorando seu engajamento e construindo uma boa relação com as identidades culturais para as quais destinou, inicialmente, o seu projeto literário.

Dito isso, podemos pensar o quão interessante foi a participação de Karine Ribeiro no projeto de revisão da obra de Paulo Sergio Moraes, pois, enquanto profissional, ela contraria a uma das conclusões de Santos acerca da atuação de revisores autônomos, na qual “destaca-se que a maioria dos respondentes (23 – 52%) disse não realizar divulgação, atendendo apenas à indicações.” (SANTOS, 2020, p. 68).

Karine Ribeiro acompanha a mesma tendência de Paulo Sergio Moraes, que é a criação de um vínculo da sua profissionalidade à imagem social e pública. Por exemplo, ela direciona o seu projeto de revisão e tradução dando destaque às obras que tragam a representatividade Negra e/ou Feminina na literatura. Ainda, tal qual Paulo Sergio Moraes, enquanto profissional ela também projeta as redes sociais como uma extensão de sua identidade socioprofissional. Essa busca por uma identidade nos leva a pensar sobre algo que ainda não foi discutido na Teoria do Polissistemas Literários, que é a (re)configuração do Revisor Autônomo enquanto Sistema nessa teoria.

Em síntese, ao refletirmos sobre as mudanças nos moldes do mercado, acentuadas pelos novos paradigmas estabelecidos a partir da nossa interação com a internet, a figura do revisor se distancia pouco a pouco da organização das editoras, muitas vezes criando um espaço independente. Portanto, é preciso que repensemos também a figura desse profissional dentro dos Sistemas Literários. É preciso refletirmos, ainda, se de alguma forma as editoras atuais cooperam sistematicamente para esse afastamento dos revisores de texto de um mercado de trabalho formal (SANTOS, 2020).

Ainda, ao considerarmos a aproximação do autor com a luta do Movimento Negro e a inclusão desse tema nas suas últimas obras, podemos retomar, portanto, uma afirmação feita anteriormente: de que é na aproximação com o universo do autor que um revisor tem a possibilidade de estabelecer uma boa comunicação com o mesmo e, a partir disso, ter também a oportunidade de

melhorar o seu repertório profissional. Essa aproximação da construção sociocultural do revisor com o autor pressupõe mais do que apenas uma troca de afinidades. Atualmente, no mercado ela diz também sobre a possibilidade que ambos possuem de aprender mutuamente, e, no caso do revisor de textos, uma ferramenta extra para a sua bagagem de especialidades.

Dando continuidade à análise, na segunda edição o autor teve a oportunidade de trazer também, através de uma epígrafe, o seu diálogo com a obra de Caio Fernando Abreu. Esse é um pequeno detalhe que não deixa de nos passar despercebido pois, à semelhança de alguns dos contos de C. F. Abreu, a primeira versão da obra trazia uma trilha sonora a ser ouvida em alguns trechos do romance. Apesar disso, ela não se encontra disponível e sequer mencionada na segunda impressão da obra.

Há várias razões para isso: além de uma tradução para língua inglesa, as obras de Paulo Sergio Moraes foram também convertidas para o formato de audiolivro. Neles, a menor quantidade possível de ruídos extras ajuda na melhor compreensão auditiva da obra, logo, não ter uma música ao fundo colabora no direcionamento eficiente da literatura em áudio. Além disso, o autor afirma que essa escolha foi movida por uma necessidade de reconfigurar a identidade do romance. Apesar do apagamento desse interessante traço constitutivo da obra, que é trazer uma perspectiva multissensorial, podemos considerar um amadurecimento da obra quando pensamos o fato de uma tradução e, também, na inclusão que um audiolivro promove.

Reafirmando, a revisão não deve sobrepujar a estrutura estética de uma obra. É o que observamos no trabalho realizado em *Olhos Distantes* (2020), pois na revisão não há um apagamento da identidade autoral de Paulo Sergio Moraes. Durante a leitura comparada notamos diversas pequenas mudanças – algumas estruturais –, entretanto, elas não foram modificadores agressivos no processo.

Poucas partes foram refeitas de forma a observarmos uma completa reescrita, mas as principais delas são o início e o desfecho da história. O primeiro capítulo do livro é onde vemos uma reelaboração mais atenta da escrita, nos três

primeiros parágrafos do livro. Essa parte foi melhor desenvolvida pelo autor, ganhando mais dramaticidade e profundidade, pois é onde nos é apresentado de antemão que há um clima de suspense desenvolvido a partir da morte de uma das personagens. Apesar disso, a maior parte das mudanças, são pequenas palavras, como nos excertos:

— Oi, Fred. E você é a Ísis, né? — perguntei, mas obtive apenas um leve sorriso tímido de confirmação.

— E qual é o seu nome? — Fred me questionou.

— Heitor. (MORAES, 2015, p. 13 glifo próprio)

— Oi, Fred. E você é a Ísis, né? — perguntei, mas obtive apenas um leve aceno de confirmação.

— E qual é o seu nome? — Fred quis saber.

— Heitor. (MORAES, 2020, p. 12 glifo próprio)

Fred e Isis são irmãos, e conhecem Heitor quando ele salva a garota de um atropelamento. A partir de então essas personagens terão um entrelace de suas histórias durante toda a narrativa. É interessante olharmos para esse trecho pois vemos que a revisão, na literatura, é algo que se dimensiona muito mais a partir de como se elabora a narrativa, não se retendo apenas sobre a estrutura formal da língua. Esses são exemplos sutis, porém perceptíveis, de mudanças que podemos observar ao longo de toda a obra em uma abordagem comparada das duas versões. Elas trazem um tom mais despojado, porém menos juvenil à leitura.

Em outros casos, entretanto, a revisão pode suprimir pequenas estruturas no texto que embora estilísticas revelam traços do machismo, culturalmente presente na nossa linguagem. Isso é observado no seguinte recorte:

— Olha, Heitor. Eu vou direto ao ponto... — Iniciou a mulher engolindo um pouco de saliva.

— Mulher, não é o momento. — O senhor Wal tentou evitar o inevitável com uma participação ignorada.

— Mãe, a gente pode jantar em paz?

— Quietos, Fred. Eu não sou mulher de deixar nada entalado. Esse presente que deu pra nossa filha... Aquela coisa estranha. Como ele foi parar no seu quarto? (MORAES, 2015, p. 99, glifo próprio)

... — Nanci, não é o momento. — O senhor Wal tentou evitar o inevitável com uma participação ignorada...

— Quietos, Fred. Eu não sou mulher de deixar nada entalado. Esse presente que deu para nossa filha... Aquela coisa estranha que ela pendurava no pescoço. Como ele foi parar no seu quarto? (MORAES, 2020, p. 93, glifo próprio)

Como visto, a simples mudança do termo “Mulher” para o nome da personagem, “Nanci”, é o suficiente não apenas para retirar essa construção do machismo na linguagem, mas, também, imbuir à personagem uma autoridade na narrativa que de certa forma é destituída na primeira versão. Além disso, a “coisa” sobre a qual dona Nanci fala, um pingente olho grego, é melhor descrita na segunda edição da obra, guiando melhor a imaginação leitora. Esses detalhes trazem uma nova dimensão para a estrutura narrativa.

Mais um detalhe a ser mencionado é a reorganização de algumas partes da obra. Essas são mudanças muito sensíveis, pois falamos aqui sobre o recorte de determinadas passagens que foram reinseridas em outros lugares da segunda edição. É o caso de todo um parágrafo que descreve o quarto de Ísis quando Heitor o visita, após a morte da garota. Essa passagem da narrativa é encontrada na primeira edição do livro na página 212, já no capítulo final. Entretanto, após a revisão foi reescrita e reinserida em um outro contexto, sendo encontrada na página 134. A descrição do quarto antecedia ao momento mais dramático da obra, no qual ocorria também o fechamento de todo o suspense criado sobre o acidente de Ísis no aniversário de Fred, que levou a garota ao coma.

É interessante que com esse recorte todo o final do livro também foi reescrito. O quarto de Ísis, que seria o palco de confronto entre Heitor e Guina, o garoto com o qual ela mantinha um relacionamento secreto, passa a ser apenas um lugar na narrativa sem maior relevância. Até mesmo a carta de despedida de Ísis, na qual ela relata o suicídio, é transportada para outro lugar: um livro que ela emprestou a Heitor, A Hora da Estrela – de Clarisse Lispector, e que se encontrava no quarto do protagonista.

Logo, toda a briga travada entre Heitor e Guina foi realocada para o jardim do hospital e, assim, a cena também se modificou por completo. O abajur do quarto, a “arma” que Heitor usaria para abater guina, a dramaticidade desse objeto se enroscando no colar de olho grego – uma espécie de milagre –, o qual se arrebenta e evita que o protagonista desfira um golpe fatal em um momento de fúria, é substituído por um Tijolo e pelas mãos do senhor Wal, marido de dona Nanci e pai de Isis e Fred, agarrando o colar no pescoço de Heitor para impedir-lo de cometer um crime em um ímpeto de ira após a confissão de Guina.

A partir dessas observações, portanto, podemos concluir que o lugar que a revisão de textos ocupa na área da literatura vai além de uma revisão lexical. A partir dela um autor pode redimensionar a construção estética da sua narrativa. Logo, a presença de um revisor o auxiliará a atingir com mais facilidade seu objetivo. As habilidades de leitura e reconhecimento de linguagem de um revisor de textos possuem o teor de uma segunda opinião, formulada a partir de seu olhar crítico. Seus conhecimentos são, portanto, uma nova perspectiva que pode ser colocada em diálogo com a voz do autor, auxiliando na nova tecitura que ele pretende fazer da sua obra Literária.

5. Considerações Finais

Através desse trabalho, conseguimos compreender melhor sobre as ferramentas que um revisor de textos dispõe para aferir as suas competências profissionais. Esse entendimento foi atingido através da pesquisa bibliográfica, a partir da qual pudemos nos aprofundar em conhecimentos produzidos sobre a importância da leitura. Essas pesquisas nos mostram, ainda, como esses profissionais podem instrumentalizar os seus saberes sobre a formação leitora, transformando-os em estratégias essenciais para a sua boa atuação.

Além disso, nos inteiramos sobre a importância dos conhecimentos gerais e da memória a um revisor de textos, sem os quais ele terá a sua dimensão crítica defasada. Todos esses conhecimentos apontam para a importância da formação e informação continuada no trajeto profissional de um revisor.

A partir disso, construímos uma reflexão sobre a trajetória do autor Paulo Sergio Moraes, apresentando-o e contextualizando a sua obra, que é um projeto literário voltado à comunidade LGBTQIA+. Além disso, realizamos uma análise comparada entre a obra Olho Grego e a sua segunda edição, Olhos distantes. Concluímos nessa observação que o projeto de marketing do autor é elaborado de forma a criar uma costura da sua identidade social com a autoria. Nesse processo, o autor consegue criar uma identificação com a comunidade para a qual direciona a sua obra. Essa estratégia é pensada em função dos paradigmas estabelecidos pelo nosso uso massivo da internet, o qual possibilita uma visibilidade mais ampla do autor através das redes sociais.

Embora esse projeto desestabilize a nossa compreensão sobre o mercado editorial tradicional, desafiando as posições estabelecidas entre o centro e as margens na literatura – pois em um certo nível opera uma inversão dessas posições – esse processo se dá de uma maneira muito instável, pois depende do engajamento e identificação da comunidade leitora com a imagem do autor. Ou seja, sem o suporte do Sistema da Editora, o autor contemporâneo e autônomo precisa lançar mão de uma estratégia na qual torne-se um produtor que é também produto, vendendo, assim, a sua imagem pela obra.

Nesse processo, quando um revisor se faz presente, é normal que esse também trabalhe de forma autônoma. Logo, a obra literária é o produto da junção de diversas mãos independentes, que estabelecem os valores de suas ações sem o intermédio das editoras. Não queremos dizer, com isso, que as obras produzidas a partir da força coletiva de mãos individuais são inferiores, pois assim não seria possível postularmos que houve um amadurecimento da obra republicada pelo autor Paulo Sergio Moraes. Para além disso, essas noções nos levam a concluir que há aqui uma tendência que se ampara cada vez mais em uma cultura neoliberal, pois podemos observar muitas similaridades com os padrões de livre mercado estabelecidos em território Norte-Americano.

Esses padrões forçam não apenas os autores, mas principalmente os revisores no mercado a pensar e atualizar cada vez mais as suas especialidades. Além disso, esses profissionais precisam também repensar as estratégias que necessitam desenvolver para se manterem competitivos. Elas vão desde o engajamento deles nas redes sociais, também através da sua imagem, até autodesvalorização e sobrecarga da sua mão de obra, que se torna também susceptível à exploração no nosso contexto mercadológico.

Referências Bibliográficas

BARBOSA, Vanessa Fonseca; FANTI, Maria da Glória Côrrea. **A (in)visibilidade da atividade de revisão de textos acadêmicos**: um outro na teia dos sentidos. in. Revista Letrônica, vol. 11 n. esp. (supl. 1). Porto Alegre, 2018. p. 35 - 53.

COSTA, Maurício Alves da. **Teoria do Polissistema**: Do Folhetim ao Blog, o Polissistema Brasileiro Sob a Interferência da Internet. Dissertação (Mestrado

em Letras) - Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2007. 168p.

ENES FILHO, Djalma Barboza; SANTOS, Marta Ricardo dos; PENHA, Gisela Maria de Lima. **Recepção da Leitura Literária na Escola: A Busca da Identificação do Leitor com o Texto.** Anthesis: Revista e Educação da Amazônia Sul-Occidental, ano 4 n. 06 Cruzeiro do Sul, 2015. p. 07 - 26.

EVEN-ZOHAR, Itamar. **Teoria dos polissistemas.** Tradução: Luis Fernando Marozo, Carlos Rizzon e Yanna Karlla Cunha. 2013, 21p. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/translatio/article/download/42899/27134>. Acessado em 27/04/2022.

MOMENTE, Richard Winckelmann; DRESCH, Marcia. **Entre a vida e a morte do autor: o dilema do revisor de textos.** *Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli*, Crato, v. 8, n. 2, maio-ago. 2019. p. 516-537.

MORAES, Paulo Sergio. **Olhos Distantes.** São Paulo. Uiclap – Editora Seis cores, 2020. 229p.

MORAES, Paulo Sérgio. **Olho Grego.** São Paulo: Perse LTDA., 2015. 254p.

RIJO, Duane Ferreira. **A revisão de textos literários.** Pelotas, 2019. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/rrt/files/2019/04/A-revis%C3%A3o-de-textos-liter%C3%A1rios-Duane-Ferreira-Rijo.pdf>. Acessado em 01/11/2021.

ROSA, Verônica Merlin Viana; GONÇALVES, Martha Augusta Corrêa e Castro. **A Revisão de Textos.** Revista Letras Raras. Vol 2, Nº 2. Campina Grande -PR. 2013. p. 143 -160.

SANTA, Everton Vinícius de. **O Cyberespaço e os Polissistemas: Influências nos Sistemas Literários.** in. Revista Todas As Musas Ano 03, n. 01. São Paulo. 2011. p. 167 - 184.

SANTOS, Naísa Gécida Alves. **Perfil e Contexto Profissional de Revisores Autônomos de Belo Horizonte / Naísa Gécida Alves Santos.** – Belo Horizonte, Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, 2020. 85 p.

SCHAUN, Aline Schmid. **A importância das estratégias de leitura na atuação do profissional revisor de textos.** Pelotas, 2018. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/rrt/files/2018/04/TCC-Aline-Schaun-Vers%C3%A3o-final.-entrega.pdf>. Acessado em: 18/10/2021

WOLWACZ, Andrea Ferráz; et. Al. **Leitura, produção e revisão de textos.** Canoas, RS: Universidade La Salle EAD, 2019. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11690/1599>. Acesso em: 10/11/2021.